



CORREIO DE COIMBRA

SEMÁNARIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES
ANO 105 | N.º 5061 | 2 DE ABRIL DE 2026 | GRATUITO



Unidos pela música

«Um serviço à comunidade»

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

05

DIOCESE

MISSA CRISMAL

Bispo convoca Clero «ao estilo de Jesus»

05

DIOCESE

ROTEIRO ESPIRITUAL

Mês de abril convida a «acolher o Ressuscitado»

06

GRANDE PLANO

UNIDOS PELA MÚSICA

«Um serviço à comunidade»

13

PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHA

Jorge Cotovio, CDJP - João Rebelo

17

CAMINHO SINODAL

PADRE NUNO SANTOS

Os seminários têm “dificuldade de sair do século XX”

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETORA

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO

Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra

GRAFISMO / PAGINAÇÃO

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO

Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES

Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores. As imagens e textos da secção Suplemento “Igreja Viva” são da responsabilidade dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE
COIMBRA

Seminário da Diocese de Coimbra



Afinadores de Humanidade

Nas últimas semanas deste tempo de Quaresma tenho-me detido, no pouco tempo livre que consigo ter, na série “*The Chosen*” (Os Escolhidos), disponível numa das plataformas streaming. Já tinha lido sobre a série, já me tinham recomendado, já tinha visto partilhas e comentários e decidi finalmente deixar-me conquistar.

Todos sabemos a história que lá está, com mais ou menos pormenores. No entanto, os episódios têm-me surpreendido por outro motivo. Há algo que nos desarma, não são os grandes milagres, mas a humanidade dos detalhes. Jesus não chama homens “perfeitos”; chama pessoas com “as mãos sujas” da vida, pescadores impetuosos, cobradores de impostos isolados e mulheres que o mundo já tinha desistido de ouvir. Escolhe-os para formarem algo maior. É comovente perceber, e é fascinante ver como a série transforma a imagem pré-concebida que tínhamos de cada um, revelando-os ora mais divertidos, ora mais inquietantes.

Nesta semana, ao escrever sobre o encontro dos colaboradores de cânticos do nosso jornal, esta imagem de “*The Chosen*” saltou-me à memória. Ali, naquela sala, estava a nossa pequena “comunidade de escolhidos”, pessoas que, entre

o trabalho, a família e o cansaço do dia a dia, dedicam tempo a burilar a liturgia e a música que sugerem a cada semana. Tal como os apóstolos da série, cada colaborador traz o seu timbre único, a sua história, unidos pela música e, por vezes, com as suas próprias “notas desafinadas”.

Para que o cântico eleve a alma é preciso que cada um saiba quando dar força à sua voz e quando silenciar para ouvir o irmão do lado. É a harmonia que transforma o ruído em oração. Vivemos a Semana Santa, o “Grande Plano” da nossa fé.

Se em “*The Chosen*” vemos o caminho de preparação, na Páscoa temos o culminar da maior história de amor alguma vez contada. A Semana Santa é a partitura mais exigente da Igreja: começa com o júbilo do Hossana, passa pelo silêncio ensurdecedor da Sexta-feira Santa e explode no “Aleluia” da Ressurreição.

Aos nossos colaboradores, leitores e amigos desejo uma Santa Páscoa, na alegria da fé. Que nesta Páscoa, inspirados pela coragem dos primeiros “Escolhidos”, saibamos ser também nós afinadores de humanidade. Que o Correio de Coimbra continue a criar impacto em cada um que aqui chega e possa sempre dar notícias de “boa nova”. 📖



ÍNDICE

05 DIOCESE



06 GRANDE PLANO

13 PARA NOS PENSARMOS

17 CAMINHO SINODAL

21 LITURGIA

25 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital.

Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE



Roteiro espiritual de abril convida a «acolher o Ressuscitado»

A diocese de Coimbra lança o “roteiro espiritual” para o mês de abril com a intenção de “acolher o Ressuscitado” e aprender a reconhecê-Lo na “vida concreta dos irmãos”. A proposta é aprender a reconhecê-Lo na “vida concreta dos irmãos”.

[LER MAIS >](#)



Coimbra acolhe conversa sobre «A Revolução de Francisco»

No primeiro aniversário do falecimento do Papa Francisco, o portal dos Jesuítas em Portugal, Ponto SJ, vai organizar um ciclo de conversas itinerante pelo país, com o lançamento do “Manual de Discernimento”, e em Coimbra acontece no dia 09 de abril.

[LER MAIS >](#)



Missa Crismal: Bispo de Coimbra convoca o Clero para o «estilo de Jesus»

Na Missa Crismal desta Quinta-feira Santa, o Bispo de Coimbra pediu que a comunidade continue a ser “sujeito do anúncio da Boa Nova aos pobres” e apelou ao Clero que assuma o “estilo de Jesus”...

[LER MAIS >](#)





O ENCONTRO POR TRÁS DOS CÂNTICOS

A cada semana o *Correio de Coimbra* traz a sugestão de cânticos. São três propostas diferentes, oriundas de três locais da diocese. Conhecemos as três pessoas que enviam estas sugestões: Ana Paula Neves, de Midões, Jorge Sousa Pereira, de Soure e Margarida Oliveira, de Seixo de Mira.



ANA PAULA NEVES, JORGE SOUSA PEREIRA E MARGARIDA OLIVEIRA

Uma sinfonia de gerações



Ana Paula Neves (Midões), Jorge Sousa Pereira (Soure) e Margarida Oliveira (Seixo de Mira) sugerem, semanalmente, os cânticos para as celebrações. O *Correio de Coimbra* juntou-os numa tarde de Quaresma para descobrir que, entre tubos de órgão e pautas de papel, o que os move é uma profunda sede de Deus e de serviço à comunidade.

Nunca tinham estado os três juntos... Neste âmbito de partilhar a vida, a música e o serviço à comunidade. Inicialmente, a timidez, depois a identificação a cada partilha, a cada vivência ou música. À volta da mesa estava reunida uma sinfonia de gerações.

Dos 23 anos da Margarida Oliveira aos 64 da Ana Paula Neves, passando pelos 51 do Jorge Sousa Pereira, a música litúrgica surge como o fio in-

visível que une estas três geografias da Diocese de Coimbra.

A história de cada um com a música sacra tem pontos de partida distintos. Margarida, investigadora na área das Ciências Nucleares, em Coimbra, confessa que a sua chegada à Escola de Música Sacra, em 2020, foi fruto de um “empurrão” dos pais durante a rebeldia da adolescência.

“A ideia que eu tinha de música sacra era o coro das velhinhas. Achava que a Igreja tinha de mudar e eu não tinha um papel ali. Hoje percebo que ainda bem que fui obrigada”, admite, com um sorriso.

Já o Jorge, assistente técnico numa escola em Soure, traz a vivência das Bandas Filarmónicas. Tocou clarinete, na banda da Gesteira, e onde é natural, mas o seu fascínio era o órgão de tubos.



Desde os 15 anos começou a tocar num pequeno órgão para acompanhar o coro e isso levou-o a ser autodidata até chegar à Escola Diocesana, onde fez o curso de música sacra, juntamente com Ana Paula Neves, de onde se conheciam.

Atualmente é membro da equipa dos Cursos Alfa, na unidade pastoral, é membro da equipa da animação pastoral e do conselho pastoral. Para Jorge Sousa Pereira, a música é uma disciplina de vida, “nas bandas filarmónicas aprende-se a respeitar os mais velhos e os mais novos, a cumprir horários e regras”.



Nas bandas filarmónicas aprende-se a respeitar os mais velhos e os mais novos, a cumprir horários e regras.

- Jorge Sousa Pereira

Ana Paula Neves, bibliotecária em Tábua há quatro décadas e licenciada em História da Arte, fala da música como uma paixão que lhe entrou na alma pelas mãos de vários sacerdotes.



De Midões, Unidade Pastoral de Tábua, para o mundo, a sua vida é um “périplo” musical que passou por orfeões académicos e coros mistos, mas que encontrou na “Música Litúrgica o seu verdadeiro porto de abrigo”.

Quando estão nos ensaios, Ana Paula esclarece que “não vão fazer concertos” mas que são o coro, “vamos ajudar a Assembleia a cantar, porque no dia em que eles cantarem, nós nem precisamos estar aqui; o coro só existe porque a Assembleia precisa”.

A cada semana, a sugestão

A dinâmica semanal de enviar as sugestões para o jornal torna-se, para os três intervenientes, um momento de espiritualidade.



Jorge confessa que gosta de “pegar nas leituras e rezar o que lá está escrito”, enquanto a Margarida acrescenta um olhar de consciência social.

“Gosto de refletir a liturgia à luz da justiça social da Igreja. Os cânticos podem-nos iluminar para a realidade que vivemos, desde a guerra na Ucrânia, por exemplo”, indica.

Ana Paula Neves sublinha que “a escolha dos cânticos é também uma forma de ajudar os outros ministros e a comunidade a entrar no mistério da celebração”.

A conversa fluiu para as dificuldades comuns: a falta de renovação geracional e o “combate” ao comodismo pós-pandemia, em Midões, Ana Paula não está a conseguir fazer a renovação. “É o grande problema neste momento”.

“Eu digo que amo de coração a Música Sacra, e a Música Litúrgica, e é o que me faz, o que me motiva, se eu realmente consigo empurrar ou atrair, também, as pessoas. Neste momento estou a dirigir o Coro da



Unidade Pastoral, para além do Coro da Paróquia de Midões, e percebemos, já há algum tempo, que precisamos todos juntos uns dos outros, com a carência de padres, porque ficámos, apenas com um padre em quinze paróquias, sou também ministra da Palavra e da Comunhão”, partilha.

A Margarida, responsável do coro da Unidade Pastoral de Mira, acrescenta ainda que “a música sacra pode ser uma barreira para os mais novos se não houver uma ponte de formação”.



Ana Paula Neves



Jorge Sousa Pereira



Margarida Oliveira





sente-se ao nível da música, um regresso ao essencial, onde o instrumento deve apenas acompanhar o coro e nunca ser um recital sozinho”.

“A identidade cristã não nasce da performance nem da influência, e nós, como coros, também não estamos lá para fazer uma performance, estamos para ajudar a melhor viver o mistério da fé”, refere.

Já Ana Paula recorda que, quando começou a Unidade Pastoral de Tábua, há cerca de 15 anos, foi “fazer ensaios a todas as paróquias” para que o coro cantasse nas celebrações, e confessa ter sido uma dinâmica “cansativa mas muito desafiante”.

Na Semana Maior

Na Semana Santa há muito em que pensar, decidir, ensaiar e “chegar a horas às celebrações”. No Tríduo Pascal, a música envolve e cria ambientes distintos.

Para o Jorge, a máquina já está “oleada” com os livrinhos que ele próprio organizou em Soure, com os cânticos indicados de cada celebração, “que todos já conhecem e cantam”.

A Margarida vê a Quaresma como “um tempo de fragilidade e transformação e esta fragilidade

“

Eu prefiro que errem uma nota, do que errem uma palavra.

- Ana Paula Neves



Quase a terminar a conversa foi lançado o desafio: “qual o cântico que mais vos toca em tempo de Quaresma?”

Jorge não hesita: “Jesus tomou consigo (Pedro, Tiago e João)”, do Padre Carlos Silva, onde a “simplicidade e a ligação entre a Palavra e a música fascinam”.

A Ana Paula, visivelmente emocionada, recorda o Salmo do Domingo de Ramos, salmo 21, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”. Num momento de fragilidade familiar, com o pai internado, foi a música que a segurou.

“Foi uma epifania qualquer que não sei explicar, sem começar a chorar. Ficou-me para a vida”, partilhou.



A música é um grande contributo para a própria celebração, nunca deve ser vista como acessório ou como adorno.

- Margarida Oliveira



A jovem de Seixo de Mira, Margarida Oliveira, não consegue eleger um único cântico mas assume que “a música é um grande contributo para a própria celebração, nunca deve ser vista como acessório ou como adorno, a música é um elemento fundamental”.

A conversa terminou com a partilha de acordes ao piano e um “breve trautear” de quem está habituado a cantar. Na sala do piano, no Seminário Maior de Coimbra, que serviu de “cenário a este encontro inesperado”, conheceram-se três agentes pastorais, comprometidos com as comunidades e unidos pela música, dados a conhecer no *Correio de Coimbra*. 📍



Diocese de Coimbra

VI ENCONTRO DIOCESANO DE COROS LITÚRGICOS



**Pe. António
Cartageno**



**Alberto Medina
de Seça**



**Joana
Monteiro**



**Nuno Miguel
de Almeida**

No centenário do nascimento do Pe. Manuel Luís (1926-1981)

A renovação da música litúrgica depois do Concílio

**SÁBADO
25 ABRIL, 2026**

**DAS 9H15 ÀS 17H30
COLÉGIO DE SÃO TEOTÓNIO
COIMBRA**

INSCREVE-TE



INSCRIÇÃO + PROGRAMA

Organização de:


**ESCOLA DIOCESANA
DE MÚSICA SACRA**
DIOCESE DE COIMBRA





PARA NOS PENSARMOS



Judas, esse “traidor”?

Jorge Cotovio | jfcotovio@gmail.com

Em plena Semana Santa, é incontornável *mergulhar* no mistério da Paixão (*passus*) e Morte do “Rei dos judeus”.

Como *mistério*, todos estes acontecimentos que tanto impressionaram os evangelistas (e que tanto nos emocionam) serão mais para serem vividos e refletidos à luz da fé, do que plenamente entendidos. Sim, por mais voltas que dêmos, nunca os conseguiremos compreender, na totalidade, à luz da razão – o que deixa margem para “especulações”, claro...

Nas mentes dos que nada ligam a estas *coisas* – ateus, agnósticos, céticos, indiferentes, etc. – tudo isto é fantasia. Para os que ligam e absorvem literalmente os relatos evangélicos, tudo se terá passado assim mesmo, tal como ouvimos na leitura do extenso relato da Paixão. Para os que ligam e sentem a Palavra de Deus para além das palavras humanas, haverá nas narrações aparentes incoerências – por isso mesmo é que estamos perante um “mistério” – mas que em nada beliscam a essência da mensagem.

Perante uma tragédia desta amplitude, um olhar da política e do direito procurará encontrar um culpado – não vá a culpa *morrer solteira*... E todos os olhares se voltarão, imediatamente, para... Judas. Sim, esse “traidor”, que entregou o Mestre aos soldados romanos, ainda por cima a troco de dinheiro!

Deixem-me ser, durante algum tempo, “advogado do diabo”. Judas terá mesmo tido estas intenções? Terá sido ele a *infeliz* criatura escolhida para se cumprir um *guião* previamente elaborado? Jesus tinha mesmo de morrer para nos salvar, precisando que as *coisas* sucedessem desta forma?

Para anunciar o Reino de Deus e provar como podemos ser verdadeiramente felizes/ bem-aventurados/ salvos, *bastaria* a Jesus o seu testemunho de vida, quiçá com uma morte “natural” – tal como sucedeu aos profetas que o antecederam. Como um *profeta* (bem) diferente, como “Filho de Deus”, depois da morte seria óbvia a ressurreição. Para mostrar mesmo que “está vivo”.



Contudo, Jesus – tal como muitos dos *profetas* dos tempos modernos (e antigos) – arriscou a vida ao falar como falou, ao chocar com a mentalidade dominante e, sobretudo, a enfrentar com assertividade – e *sem papas na língua* – a classe religiosa. Jesus teria a consciência nítida que o iriam matar. Tal como hoje, Óscar Romero, João Paulo II (quase), Gandhi, Luther King, missionários e cristãos anónimos (e outros pacificadores) denunciadores de injustiças em tantas e tantas partes do mundo.

Creio mesmo que Jesus – como Homem – terá tentado evitar a sua morte desta forma terrível: uns dias antes, prevendo que o iriam matar, afasta-se para Efraim; pede, sem sucesso, ao trio de sua confiança (Pedro, Tiago e João) para o protegerem (e os *marotos*, com os olhos tão “pesados” depois de uma farta ceia, adormeceram por três vezes!!!); pede ao Pai, por duas vezes, para “se possível”, afastar dele “este cálice” – embora logo a seguir diga aceitar a Sua vontade; grita, na cruz, “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”, tal o sofrimento físico e emocional que sente. Creio, pois, que Jesus, para nos salvar, para nos demonstrar quanto nos ama, não teria de morrer desta forma, não teria de cumprir um plano pré-estabelecido. Tudo terá acontecido no contexto das suas “mais amplas liberdades”.

Voltemos ao “bode expiatório” chamado Judas. Será que ele foi mesmo “traidor”? Judas terá sido um apóstolo (muito) diferente dos demais. Simpatizante de movimentos radicais que lutavam, à força, pela libertação de Israel do domínio romano, ficou fascinado por Jesus, quiçá, a princípio, por interesses políticos, mas, posteriormente, “por amor”. Olhemos esta interpretação – quanto a mim, *distinta* – transcrita no *Guia do catequista*

– 6.º ano, da edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã:

“Porque é que Judas se prestou a este papel? Por causa da soma de trinta moedas de prata que, segundo Mateus, foi o pagamento da ‘traição’? Provavelmente, não... Judas amava Jesus, como todos os discípulos. Contudo, não estava satisfeito com a forma como o Mestre conduzia o processo de instauração do Reino. Judas estaria convencido de que só a ação violenta resultaria; mas Jesus não aceitava esse caminho. Assim, Judas tentou ‘forçar’ Jesus a agir: entregando-o aos inimigos, obrigava-o a tomar posição. No entanto, Jesus não reagiu no sentido que Judas esperava e deixou-se prender. Em desespero, suicidou-se”.

Perante os relatos da Morte e Paixão de Jesus, e independentemente de guiões ou traições, também eu me emociono. E choro os meus pecados: também o “nego” (ou, no mínimo, o oculto) com as minhas incoerências; também muitas vezes não estou vigilante e me deixo levar pelos meus instintos; também o aclamo efusivamente para depois fazer coro com outros para o “condenarem”... No fundo, identificamo-nos com o Povo e com a atitude titubeante dos discípulos...

Modéstia à parte, eu identifico-me, especialmente, com “o discípulo que Jesus amava” (umas cinco vezes referido por João). Um discípulo que tem o meu nome – Jorge –, que tem o nome de cada um de nós. E é esta certeza de “sentir-me Amado” – fruto do *extra-ordinário* mistério da Vida, Morte e Ressurreição de Jesus –, que me *enche*, que me realiza como pessoa, como cristão, como cidadão.

Uma santa Páscoa! 🙏





CDJP

O que devemos uns aos outros

João Rebelo

A história e o nosso próprio conhecimento pessoal registam inúmeros exemplos do que podemos designar como contradições dos tempos atuais, entre o poder e o ser, seja em termos coletivos ou relações pessoais.

Contradições evidentes e em grande medida incompreensíveis setenta anos depois da aprovação e assinatura da Carta das Nações Unidas, em 26 de junho de 1945 por 50 países, e da fundação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 24 de outubro do mesmo ano, com o objetivo principal de manter a paz e segurança internacional, a promoção dos direitos humanos e o fomento da cooperação entre as nações.

Atualmente com 193 países, alguns sem controlo efetivo do seu território e de grupos armados ou terroristas (nalguns casos fomentados e alimentados), a existência de membros permanentes com direito de veto - Estados Unidos da América, Rússia, China, França e Reino Unido - tem demonstrado na prática a dificuldade e incapacidade da ONU assumir o seu papel. Enquanto, por outro lado, importa reconhecer, a existência de grandes poderes económicos internacionais, alguns emanações de estados totalitários, e com intervenção à escala mundial e dificilmente regulados. O resultado em termos de política internacional e a existência para além de forças armadas nacionais, de grupos armados e terroristas, potenciam uma situação de conflitos em que a Carta das Nações Unidas, os Tratados internacionais e o papel de entidades reguladoras se mostra desvalorizado ou mesmo objetivamente desrespeitado e não sancionado.

Em vez de comunidades de nações e estados, muitos de arvoram ter direitos sobre outros em

particular que designam grandes áreas de influência, como que valorizando o império “titular” e desvalorizando as nações, com a riqueza da sua diversidade cultural. Em que o encontro de culturas, muito do que foi a época das descobertas, ceda lugar à imposição imperial.

O Papa desafia-nos a rezar e lutar por uma paz desarmada e desarmante.

De igual modo assistimos nas relações interpessoais a um acréscimo de situações de desrespeito mútuo, dificuldade de partilha e respeito pela dignidade humana. Com afirmações de supremacia de grupo, seja do ponto de vista racial, ideológico, social ou outro e, por vezes, reivindicando (apenas) ou sobrevalorizando os direitos em relação à assunção e partilha de responsabilidades de responsabilidades.

As incertezas que caracterizam os tempos atuais e a necessidade de encontrar caminhos para vencer a desesperança, recomendam a leitura, oportuna e desafiante, da *Carta Encíclica Fratelli Tutti - sobre a fraternidade e a amizade social*, em prol da paz mundial e da conveniência comum, publicada em 3 de outubro de 2020.

A necessidade de reexaminar as relações sociais e económicas é brilhantemente tratada num editado de 2021 (publicado em Portugal no final de 2025), “*O Que Devemos Uns aos Outros*” da autoria de Minouche Shafik e que contem propostas sobre como precisamos de nos apoiar uns aos outros - as nossas obrigações mútuas “para a nossa família, a nossa comunidade, o nosso trabalho e os nosso concidadãos”, leia-se a humanidade num mundo globalizado e interdependente, para podermos prosperar, reconhe-



cendo a necessidade de Novo Contrato Social. E onde a autora alerta para o facto de devermos cada mais uns aos outros e que o novo contrato social precisa de ser “mais generoso e inclusivo” e os estados, mais do que serem um estado providência, carecerem de investir nas pessoas e num “sistema de partilha de riscos [e oportu-

tunidades] para aumentar o bem-estar”, o que se torna ainda mais premente a coragem e a fé, prepararmo-nos para as alterações tecnológicas (nomeadamente a IA) com impacto tão grande como as guerras e a revolução industrial, em que o amor é mais do que desejo e os receios e esperança precisam de ir lado a lado. 📌





CAMINHO SINODAL

PADRE NUNO SANTOS

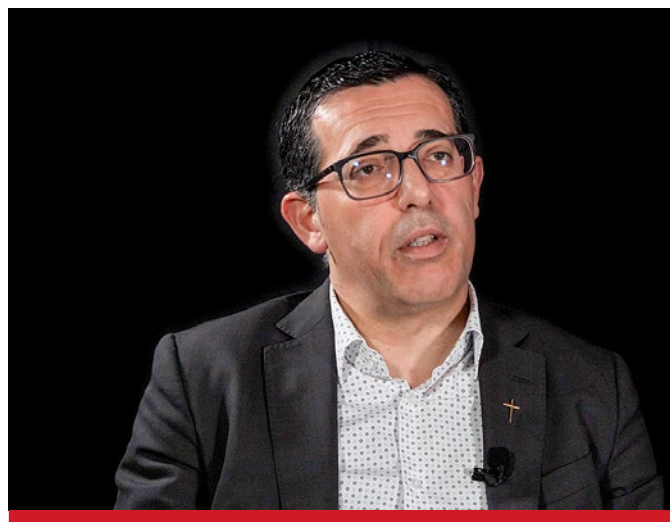
Os seminários têm “dificuldade de sair do século XX”

O reitor do Seminário Maior de Coimbra considera que as mulheres devem estar num “nível primeiro da formação” nos seminários e “não num anexo ou num nível segundo da formação”. A Rede Sinodal em Portugal apresenta aqui o episódio 12 do podcast “No coração da esperança”.

Neste episódio 12 o entrevistado é o padre Nuno Santos, reitor do Seminário Maior de Coimbra.

O relatório do grupo de estudo n.º 4 do Sínodo faz uma revisão da “Ratio Fundamentalismis Sacerdotalis” em perspetiva sinodal e propõe uma maior participação de mulheres na formação nos seminários. Num ambiente desde sempre masculino, trata-se de uma mudança radical?

O grupo fez uma reflexão muito interessante sobre a realidade. A realidade dos seminários, mas também a realidade do mundo, e sublinhou aspetos como a dimensão relacional. Aliás, é das palavras que aparece mais. A conversão dos processos e dos modelos, e também a necessidade e as consequências que isso teria na formação. Os seminários, atualmente, na minha perspetiva, estão ainda com muita dificuldade de sair do século XX. Estão muito agarrados a um modo de



ser seminário, a uma realidade sociológica, a uma realidade, também até em certa medida, pastoral e até presbiteral, dos seus presbitérios. E, portanto, pensar o papel da mulher hoje na formação é perceber a mudança também da sociedade e a importância de todos na construção e na formação de qualquer ser humano. E se isso é relevante na formação em geral, não é menos relevante na formação de um futuro presbítero. Razão pela qual introduzir, clarificar, reforçar, melhorar essa perspetiva, essa presença feminina na formação é determinante. Mas ainda assim, não de forma supletiva, porque as mulheres sempre tiveram...



Mais ou menos cruzaram o espaço formativo dos seminários. Pelo menos da minha experiência de seminário. Mas o que nós precisamos não é apenas de trazer as mulheres ou refletir sobre o papel das mulheres para o processo da formação dos seminaristas, mas qual é a relevância de as termos no nível primeiro da formação, e não num anexo ou num nível segundo de formação.

É também proposto por este relatório a necessidade de uma maior vivência nas comunidades e paróquias por parte dos seminaristas durante o seu percurso de formação. Como acha que se deve ativar ou atualizar esta ideia em chave sinodal?

O mais importante é nós olharmos para a vida de todos os batizados e percebermos todos membros da Igreja. E se somos todos membros da Igreja, na sua dignidade, ao mesmo nível pelo batismo, apesar de termos funções, papéis, ministérios distintos, isso não nos torna nem superiores nem inferiores. Razão pela qual a própria formação carece dessa natural inserção na comunidade. Os sacerdotes têm que nascer na comunidade. Os presbíteros nascem na comunidade. Eles preparam-se para servir a comunidade. E, portanto, sempre que nós excluímos a própria comunidade da formação, quer as comunidades de origem de onde eles vêm, quer as comunidades onde eles depois pastoralmente se envolvem, nós perdemos uma dimensão determinante também da formação. A experiência que eu tenho de seminário, quer do meu tempo de seminarista, quer do tempo agora como responsável do seminário, nós temos sido muito felizes com essa relação nas comunidades. E isso é importante para os dois lados. É importante para o próprio que está a ser formado. E, portanto, ele é formado não só pela formação intelectual da Universidade Católica, não só pela dimensão mais pastoral, espiritual, comunitária, pessoal, sacramental, da própria formação do Seminário, mas também a dimensão pastoral e comunitária das comunidades. E essa grandeza é importante, essa presença é importante para o próprio, mas é também importante para a própria comunidade. A comunidade cresce com a presença dos seminaristas e cria uma relação também de comunhão eclesial a partir dessa presença dos seminaristas. E até

para os colegas padres que acolhem esses seminaristas, também é uma oportunidade. Eu diria que prescindir desse papel da comunidade é ficar a perder muitas oportunidades. É perder muitas oportunidades de crescimento.

Num Igreja marcada ainda por uma cultura clerical, na qual dados preocupantes sobre suicídio de sacerdotes causam alerta, que mudanças concretas nos seminários poderão trazer as propostas deste grupo de estudo do Sínodo com vista a uma real conversão das relações, dos processos e dos vínculos?

Este documento é feliz. Tem algumas lacunas, mas é genericamente muito feliz. Coloca a questão no sítio certo, que é o mundo das relações, e coloca o foco no lugar ajustado, que é a missão. E a missão com um estilo sinodal, e com um estilo profundamente eclesial, a partir da dimensão batismal em que nós nos percebemos todos filhos. E, portanto, há um desenvolvimento da filiação, da percepção da filiação por filhos de Deus, e também há um desenvolvimento do desafio da fraternidade. Portanto, a filiação e a fraternidade é, de facto, aquilo que nos vem do batismo. E o documento é feliz porque coloca sempre a questão não no poder, não na função, mas exatamente na missão e no serviço. E na riqueza, quando nós partilhamos uma missão comum, na riqueza que daí advém. Os dados sobre o suicídio são sempre preocupantes em geral, na sociedade. Nós vivemos num país que, segundo sei, tem cerca de mil suicídios por ano. Tivemos nos últimos dez anos cerca de treze suicídios de sacerdotes, o que significaria, em média, um bocadinho acima de um por ano. Qualquer suicídio é sempre uma pessoa, é sempre uma pessoa que chega ao fim. Antecipou uma história porque não conseguiu viver com ela. E nós ficamos sempre muito angustiados e preocupados quando isso acontece com pessoas com fé, onde pensaríamos que a fé seria suficiente. E mais ainda para sacerdotes ou presbíteros, pessoas que à partida são aqueles que levam a fé, a esperança, a outros, e depois deparam-se com situações de solidão, de burnout, de cansaço, ao ponto de eles próprios desistirem de um dom que é a vida. Quando outros lutam tudo e tudo no meio das doenças, de um cancro por exemplo, ou de situações complexas de ou-



tras doenças ou de circunstâncias difíceis, lutam tudo pela vida, há outros que, por cansaço, desgaste, expectativas não realizadas, desistem da vida. Não julgamos, obviamente. E isso provoca um pensamento sobre a formação. Contudo, não há nenhuma maneira de antecipar, de prevenir em absoluto o suicídio. Há maneiras de prevenir os processos e os níveis de formação que estão autocentrados. E, sobretudo, o modo como nós muitas vezes somos educados, ou pelo menos na formação dos seminários o padre é tudo, sabe tudo, tem resposta para tudo, é sempre o homem forte, tem sempre uma alegria, tem sempre uma palavra de esperança. E essa forma de super-homem quase, em que muitas vezes nos vemos, ela é o princípio da autodestruição, porque nós somos tudo menos isso. Nós somos pessoas com grandezas e com fragilidades, com muitos aspetos louváveis e com alguns criticáveis. E, portanto, somos como todas as pessoas, umas vezes super-homem, outras vezes nada disso. E esses aspetos, sobretudo a dimensão da expectativa não realizada, cria frustrações de tal maneira agudizadas que uma formação que não nos promova para a fragilidade, para o fracasso, para o limite, para assumirmos incapacidades, para dizer não sou capaz, para pedir ajuda, para sermos

capazes de ter os alertas, aquilo que eu chamo os sinais vermelhos interiores, que é quando eu sinto que estou a passar por isto, eu tenho de pedir ajuda... Essa não educação, quando não o fazemos... Não estou a dizer que não se faz, estou a dizer quando não o fazemos, quando não trabalhamos para a frustração, nós potenciamos a possibilidade, então, da solidão levar, e a frustração levar a casos como esses, do suicídio. A história do suicídio é uma história na vida presbiteral longa. Não começa agora. Poderíamos começar em Judas, um dos doze, que termina a suicidar-se numa das versões do Evangelho. Mas eu era ainda seminarista e um dos temas que discutimos no seminário em Coimbra foi exatamente a morte, e começava com um texto de um padre que se tinha suicidado num país que não era Portugal, nessa altura. E é verdade que o seminário não gostou muito dessa forma de começarmos o tema. Mas eu quando era miúdo e andava no seminário, um dos padres com 80 anos deu o testemunho da sua vida e disse: “eu um dia estive em cima de uma ponte e pensei salto, não salto. Não saltei, hoje agradeço não ter saltado, mas há dias duros”. Isso foi uma coisa... Eu tinha poucos anos, o reitor ficou muito chateado com aquele testemunho, e eu agradeço muito aquele testemunho.

“NO CORAÇÃO DA ESPERANÇA” EM PARCERIA COM

Diário do Minho

Voz Portucalense

Correio do Vouga

CORREIO DE COIMBRA

7/1 ARGENS

Folha do Domingo

A GUARDA

Rede Mundial de Oração e Paço


Rede Sinodal em Portugal

Créditos: Arcebispo Pedro Guilherme no IMAJ Lisboa 2023
Fotografias: Agência Eclesiástica e Visões Media

Uma Igreja sinodal está menos centrada no presbítero e mais na comunidade?

Uma Igreja sinodal só pode estar mais centrada na comunidade e na missão, e menos nas pessoas ligadas a poder e função. Ou seja, tal como numa família há papéis diferentes... Eu gosto muito de ter o paradigma familiar, até porque tenho a riqueza e a sorte de ter esse privilégio. Mas tal como numa família, cada um tem papéis diferentes, mas todos juntos construímos uma história e somos todos importantes. Numa comunidade nós precisamos de todos. Eu devo dizer que eu próprio tenho aprendido ao longo destes 25 anos de padre que sou sempre mais pobre quando tento fazer sozinho. E ainda hoje, às vezes penso: “talvez não vá incomodar”. E perco sempre quando não quero incomodar alguém para me ajudar na função, ou na missão, melhor. E hoje sinto-me muito reconfortado, porque sim, tenho menos forças, menos capacidades, sou muito mais limitado do que era há 25 anos... Também tenho outra maturidade, tenho outras capacidades que há 25 anos não tinha, mas hoje sei lidar perfeitamente, ou melhor pelo menos, perfeitamente nunca. Mas melhor, sim, com os meus limites. E saio muito mais rico com o contributo das comunidades. Há comunidades, de facto, mais fáceis de trabalhar. Eu fui pároco em várias comunidades e sei que há comunidades onde nós temos muitas pessoas com imensas capacidades, e é uma pena não as envolvermos. E há outras comunidades com menos potencial, menos capacidade de envolvimento... Mas ficamos sempre mais pobres, porque as pessoas têm uma riqueza profunda. E eu costumo pensar: se as pessoas conseguem organizar uma casa, se têm filhos, se têm os seus trabalhos, elas estão mais do que aptas para poder dar um contributo na comunidade cristã. Se falta teologia, ou se falta catequese, ou se falta uma perspetiva sinodal sobre o tema, cabe-nos a nós ou a outras pessoas já formadas, porque já há muitos leigos formados em muitas matérias, po-

der dar esse contributo. Mas tenho sido sempre surpreendido, e cada vez mais sinto que as pessoas são o segredo. A construção comunitária é o segredo da nossa missão como Igreja. Mesmo como padres, e mesmo como seminários. Os seminários que percam a rede, percam estas redes... E mais, que não a alarguem, são seminários que facilmente ficarão para sempre no século XX, e nós já vamos há muitos anos no século XXI. Os desafios hoje são grandes, são muito grandes, e mais do que profundidade, que é determinante, e interioridade, que é absolutamente marcante, é a rede. Temos rede, ou não temos rede. Porque se tivermos rede, a profundidade ganha outro sentido, e a interioridade ganha um sentido de missão e de serviço. Por isso, eu prefiro pensar que essa comunidade sinodal, onde todos nos expressamos a caminhar em conjunto, centrados em Cristo obviamente, é isso que nos une... Mas também é uma oração feita mãos, é uma oração feita coração, é uma oração feita família. E termino só a dizer este aspeto. Muitas vezes olhamos para o serviço só como um desgaste. E o serviço também tem de ser o lugar do prazer, e do gosto, do sabor. E se há coisa que eu gosto é de estar a trabalhar com pessoas e sentirmos prazer no trabalho que fazemos. E eu tenho esse privilégio que é trabalhar com pessoas que têm muito prazer com aquilo que fazem. Às vezes, cansados, andamos um pouco cansados. Mas chegar ao fim do dia cansados e felizes é diferente de chegar ao fim do dia chateados. E até podemos estar pouco cansados, mas muito chateados.

O **padre Nuno Santos** é reitor do Seminário Maior de Coimbra e com esta entrevista colaborou com a iniciativa podcast “No coração da esperança” da Rede Sinodal em Portugal, uma parceria que junta *Diário do Minho*, *Voz Portucalense*, *Correio do Vouga*, *Correio de Coimbra*, *A Guarda*, *7Margens*, *Rede Mundial de Oração do Papa* e *Folha do Domingo*. 



NO CORAÇÃO DA ESPERANÇA

Episódio 12 - padre Nuno Santos





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

05 de abril de 2026

Ano A

Leitura dos Atos dos Apóstolos

At 10, 34a, 37-43

Naqueles dias, Pedro tomou a palavra e disse: «Vós sabeis o que aconteceu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do batismo que João pregou: Deus ungiu com a força do Espírito Santo a Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem e curando a todos os que eram oprimidos pelo Demónio, porque Deus estava com Ele. Nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez no país dos judeus e em Jerusalém; e eles mataram-n'O, suspendendo-O na cruz. Deus ressuscitou-O ao terceiro dia e permitiu-Lhe manifestar-Se, não a todo o povo, mas às testemunhas de antemão designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos. Jesus mandou-nos pregar ao povo e testemunhar que Ele foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos. É d'Ele que todos os profetas dão o seguinte testemunho: quem acredita n'Ele recebe pelo seu nome a remissão dos pecados». Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial

Sal. 117(118)

Este é o dia que o Senhor fez:
exultemos e cantemos de alegria.
ou: Aleluia.

Leitura da Epístola do apóstolo S. Paulo aos Colossenses

Col. 3, 1-4

Irmãos: Se ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do alto, onde Cristo Se encontra, sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas do alto e não às da terra. Porque vós morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, Se manifestar, então também vós vos haveis de manifestar com Ele na glória. Palavra do Senhor.

Aclamação ao Evangelho

I Cor 5, 7b-8a

Refrão: Aleluia. *Repete-se*

Cristo, nosso Cordeiro Pascal, foi imolado:
celebremos a festa do Senhor. *Refrão*

Evangelho segundo S. João

Jo 20, 1-9

No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo que Jesus amava e disse-lhes: «Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa



do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas

enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos.

Palavra da Salvação. 📖



LITURGIA DIÁRIA
liturgia.pt/liturgiadiaria/





«A morte não pôs fim à vida»

A liturgia deste domingo celebra a ressurreição e garante-nos que a vida em plenitude resulta de uma existência feita dom e serviço em favor dos irmãos. A ressurreição de Cristo é o exemplo concreto que confirma tudo isto.

O texto começa com uma indicação aparentemente cronológica, mas que deve ser entendida sobretudo em chave teológica: “no primeiro dia da semana”. Significa que começou um novo ciclo – o da nova criação, o da Páscoa definitiva. Aqui começa um novo tempo, o tempo do homem novo, que nasce a partir da doação de Jesus.

A primeira personagem em cena é Maria Madalena: ela é a primeira a dirigir-se ao túmulo de Jesus, ainda o sol não tinha nascido, na manhã do “primeiro dia da semana”. Ela representa a nova comunidade que nasceu da ação criadora e vivificadora do Messias; essa nova comunidade, testemunha da cruz, acredita – inicialmente – que a morte triunfou e vai procurar Jesus no sepulcro: é uma comunidade perdida, desorientada, insegura, desamparada, que ainda não conseguiu descobrir que a morte foi derrotada; mas, diante do sepulcro vazio, a nova comunidade apercebe-se de que a morte não venceu e que Jesus continua vivo.

Na sequência, João apresenta uma catequese sobre a dupla atitude dos discípulos diante do mistério da morte e da ressurreição de Jesus. Essa dupla atitude é expressa no comportamento de dois discípulos que, na manhã da Páscoa, correm ao túmulo de Jesus: Simão Pedro e um “outro discípulo” não identificado (mas que parece ser esse “discípulo amado”, apresentado no Quarto Evangelho como modelo ideal do discípulo).

Em geral Pedro representa, nos Evangelhos, o discípulo obstinado, para quem a morte significa fracasso e que se recusa a aceitar que a vida nova passe pela humilhação da cruz (Jo 13,6-8.36-38; 18,16.17.18.25-27; cf. Mc 8,32-33; Mt 16,22-23). Ao contrário, o “outro discípulo” é o “discípulo amado”, que está sempre próximo de Jesus, que faz a experiência do amor de Jesus; por isso, corre ao seu encontro de forma mais decidida e “percebe” – porque só quem ama muito percebe certas coisas que passam despercebidas aos outros – que a morte não pôs fim à vida.

Esse “outro discípulo” é, portanto, a imagem do discípulo ideal, que está em sintonia total com Jesus, que corre ao seu encontro com um total empenho, que compreende os sinais e que descobre (porque o amor leva à descoberta) que Jesus está vivo. Ele é o paradigma do Homem Novo, do homem recriado por Jesus. 📖



DEHONIANOS
www.dehonianos.org



CÂNTICOS

II DOMINGO DA PÁSCOA OU DA DIVINA MISERICÓRDIA

12 de abril de 2026**Ano A***O que cantamos em:***MIDÕES**

Com o contributo de

✍ *Ana Paula Neves***Entrada**

O Senhor ressuscitou | NCT 176

Apresentação dos dons

A nossa Páscoa imolada, aleluia | NCT 538

Comunhão

Cristo, nosso Cordeiro Pascal | NCT 167

Pós-comunhão

Senhor, eu creio que sois Cristo

| J. Fernandes da Silva

Final

Ressuscitou, Aleluia | NCT 200

SOURE

Com o contributo de

✍ *Jorge Sousa Pereira***Entrada**

O Senhor ressuscitou e fez brilhar | NCT 742

Apresentação dos dons

Nasceu o Sol da Páscoa gloriosa | NCT 910

Comunhão

Aproxima a tua mão | NCT 214

Pós-comunhão

Senhor, eu creio que sois Cristo | NCT 910

Final

Aleluia! Louvor a Vós ó Cristo | NCT 203

NCT - Novo Cantemos Todos

CNL - Cantoral Nacional Liturgia

L - Laudate - canticos.pt



AGENDA

DIOCESE

02 ABR. MISSA DA CEIA DO SENHOR

Inicia às 21h30.

03 ABR. CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO DO SENHOR, NA SÉ NOVA

Inicia pelas 15h00.

VIA SACRA, DO SEMINÁRIO MAIOR ATÉ À SÉ NOVA

Inicia às 21h30.

04 ABR. VIGÍLIA PASCAL, NA SÉ NOVA

Inicia às 21h30.

05 ABR. MISSA DA RESSURREIÇÃO, NA SÉ NOVA

Inicia às 11h15.

09 ABR. CONVERSA SOBRE «A REVOLUÇÃO DE FRANCISCO»

Portal dos Jesuítas em Portugal vai organizar um **ciclo de conversas** itinerante pelo país, com o lançamento do “Manual de Discernimento”, pelas 21h15, no CUMN.



15
ABR. MISSA DE ACÇÃO DE GRAÇAS PELA EXEMPLAR VIDA DE SANTA ISABEL DE PORTUGAL, PELOS 510.º ANIVERSÁRIO DA BEATIFICAÇÃO DE SANTA ISABEL

Na Igreja da Rainha Santa Isabel, às 18h00.

16a19
ABR. RETIRO DE DOENTES NO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Organização do Secretariado Diocesano do Movimento da Mensagem de Fátima.

19
ABR. INÍCIO DA SEMANA DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

20
ABR. CICLO CULTURAL “SURSUM CORDA”, COM O TEMA “TER O CORAÇÃO NAS MÃOS – MEDO”

Seminário Maior de Coimbra, pelas 21h30.

23
ABR. JANTAR SOLIDÁRIO DO FUNDO SOLIDÁRIO NEXT

Iniciativa acontece pelas 20h00, **inscrições** até 18 de abril.

VIGÍLIA DAS VOCAÇÕES (SDPV)

Inicia pelas 21h30.

25
ABR. VI ENCONTRO DIOCESANO DE COROS LITÚRGICOS

25e26
ABR. PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO MOVIMENTO ESPERANÇA E VIDA A FÁTIMA

26
ABR. CONCERTO SOLIDÁRIO HOPE & GO - CORO COD COIMBRA

A favor da reabilitação do telhado da igreja paroquial de Febres; Pavilhão Multiusos de Febres, às 17h00.



NACIONAL

08a10

ABR. ENCONTRO NACIONAL DE CATEQUESE (AVEIRO)

13a16

ABR. ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS

17ABR. V JORNADAS DE COMUNICAÇÃO
DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

A iniciativa acontece no Centro Pastoral de Paulo VI, com o tema
"A comunicação como instrumento para a paz". [Inscrições.](#)

VATICANO

13e23

ABR. PAPA VISITA ÁFRICA

6e12

JUN. PAPA VISITA ESPANHA E ILHAS CANÁRIAS



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE **COIMBRA**

Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT